

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

3º TRIMESTRE DE 2016

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

João Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações –
Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Editoração

Ludmila Nagamatsu

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

3º TRIMESTRE DE 2016 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD
CONTÍNUA **7**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA
DE EMPREGO E DESEMPREGO **8**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **11**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **11**

Projeção do emprego formal **12**

APÊNDICE **14**

NOTAS METODOLÓGICAS **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

Projeções do mercado de trabalho formal **18**

3º TRIMESTRE DE 2016

A esperança de retomada de crescimento do mercado de trabalho baiano recaí, agora, sobre 2017. Com a persistência do quadro geral de dificuldades, frustrando quaisquer expectativas de resgate do nível de emprego no curto prazo, a dúvida que resta é se a inanição do mercado de trabalho em 2016 será de dimensão maior ou menor que a do ano anterior.

Há um conjunto de aspectos que indicam a permanência da deterioração das condições do mercado de trabalho no terceiro trimestre deste ano na Bahia. Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), por exemplo, revelaram um contexto de elevação do desemprego, eliminação de postos formais e redução tanto da massa, como dos rendimentos reais do trabalho.

Em relação às perspectivas para o futuro imediato, as projeções realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) apontam que o fechamento de postos de trabalho se manterá a tônica no quarto trimestre de 2016, período frequentemente marcado por saldos negativos na última década. O alento fica por conta do menor desânimo quanto aos desdobramentos posteriores revelado pela Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano – no entanto, sem poder ainda descartar a hipótese da persistência de um mercado de trabalho com pouca vitalidade, já que os níveis de confiança prosseguem baixos.

CENÁRIO ECONÔMICO

O cenário macroeconômico continuou desfavorável para a Bahia no terceiro trimestre deste ano. Nos últimos meses, a perda de dinamismo da atividade econômica atingiu todos os setores na Bahia, alicerçando o comportamento negativo dos indicadores relacionados ao mercado de trabalho.

A estimativa para a safra baiana de grãos de 2016 denota retração de 36,0% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou 9,2 milhões de toneladas. Conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do mês de setembro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção física de grãos alcançará 5,9 milhões de toneladas. Dessa forma, com a expectativa de encolhimento de 12,0% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá diminuir 27,2%.

Segundo informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção industrial total baiana, de julho a setembro de 2016, declinou em 13,0% frente ao registrado no mesmo intervalo de 2015 – encadeando a quinta ocorrência subsequente de decréscimo no confronto interanual, após o último registro positivo no trimestre terminado em abril (0,1%). O recuo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, que caiu 12,5%, quanto na extrativa, com queda de 23,3%.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou queda de 12,4% no volume de vendas do varejo no terceiro trimestre de 2016, no confronto interanual. A comparação com o mesmo período de um ano antes apontou retração pela 20ª vez seguida.

O setor de Serviços na Bahia teve redução da sua receita nominal acumulada entre julho e setembro de 2016, em relação ao valor observado nos mesmos meses de 2015. Conforme resultados revelados pela Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, houve uma contração de 5,5% na comparação interanual – 14º recuo sucessivo.

Calculado pela SEI, o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB) alcançou frente a registros passados recentes, patamares menos deteriorados nos últimos três meses (julho: -333 pontos; agosto: -270 pontos; e setembro: -245 pontos). O ICEB de setembro último, por exemplo, apresentou a melhor pontuação desde setembro de 2014 (-244 pontos). Entretanto, os níveis de confiança permaneceram baixos, indicando nível moderado de pessimismo ao final do referido trimestre e entraves ao resgate da confiança no curtíssimo prazo.

EMPREGOS FORMAIS

A análise das médias móveis de 12 meses do saldo de empregos na Bahia apontou um panorama de dificuldade na criação de postos de trabalho no mercado celetista nos últimos 24 meses. O período de bonança se encontra distante e, desde março de 2015, não há geração líquida de oportunidades ocupacionais. O saldo médio chegou a 7.298 empregos formais eliminados em julho deste ano, pior resultado do intervalo analisado¹ (Gráfico 1).

A ilustração abaixo, construída com base nas informações de fluxos do Caged, permite constatar três momentos do mercado de trabalho baiano no período recente: i) geração de empregos formais, mas com perda mensal de dinamismo; ii) supressão crescente de postos de trabalho; e iii) arrefecimento no ritmo do corte líquido de vínculos tutelados pela legislação trabalhista. O terceiro trimestre, ao tempo em que conta com o menor saldo dos últimos meses, traz vestígios

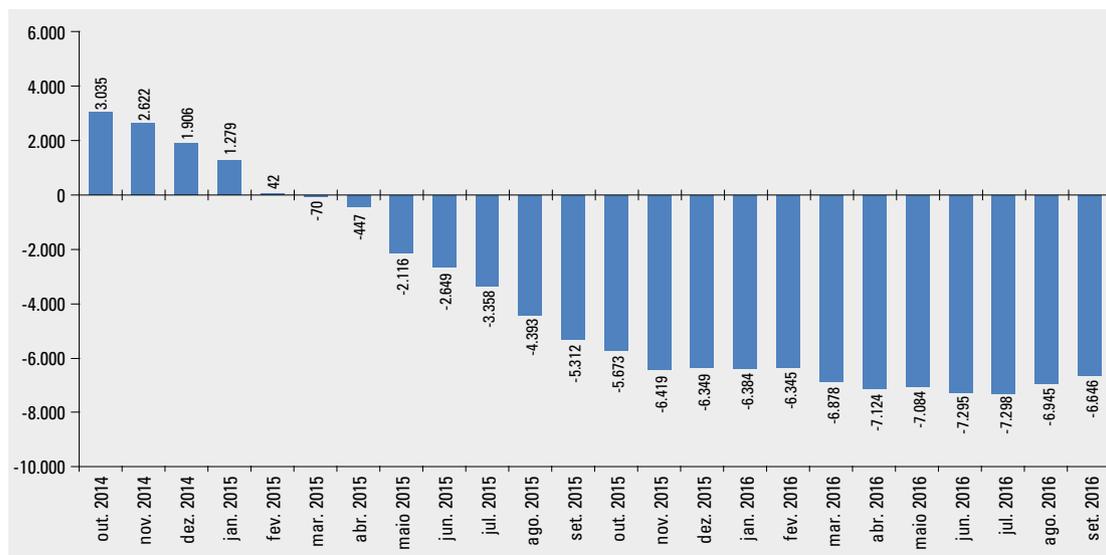


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Out. 2014-set. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

¹ Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

de enfraquecimento na perda de empregos – no entanto, sem permitir falar em surgimento líquido de vagas no curto prazo.

Como em 2015 e diferentemente de anos anteriores, houve queda na ocupação nos três primeiros trimestres de 2016 (Gráfico 2). No terceiro deles, com a supressão de 10.203 postos, ocorreu a menor das quedas. Considerando os terceiros trimestres dos últimos dez anos, o de 2016 somente não foi pior que o do ano anterior (-19.587 postos). O saldo de julho (-7.550 postos) representou o mínimo histórico de sua série desde 2006. Os meses de agosto (-2.322 postos) e setembro (-331 postos) ficaram com o segundo menor registro na série de cada mês, acima apenas aos verificados em 2015, quando foram cortados 6.554 e 3.914 postos de trabalho, respectivamente.

Em 2016, de janeiro a setembro, acumula-se a dispensa líquida de 41.967 trabalhadores com carteira assinada – redução de 2,39% no contingente de 1.757.696 existente ao final de 2015. A contração, neste ano, está acima da verificada nos mesmos meses do ano anterior, quando 38.401 empregos celetistas foram eliminados. Dessa forma, tomando por base o ano inteiro de 2015, quando o encolhimento no nível de emprego formal na Bahia foi o maior do período recente, não se pode descartar uma realidade ainda mais desalentadora para 2016.

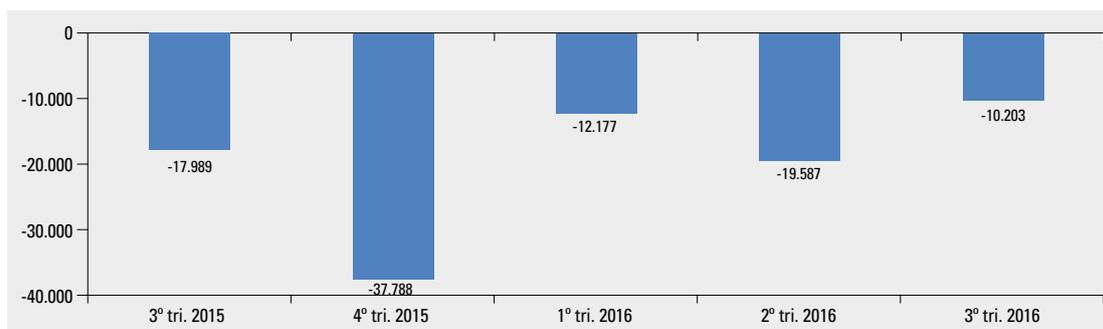


Gráfico 2
Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 3º tri. 2015-3º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Importa observar que a contração no mercado de trabalho formal baiano no terceiro trimestre de 2016 alcançou seis dos oito setores da atividade econômica, um a mais que no trimestre imediatamente anterior – mesmo que com um declínio menor do nível de ocupação. Entre julho e setembro de 2015, a perda de postos havia acometido sete dos grupamentos de atividade.

Numa avaliação setorial, Construção Civil e Comércio, com dispensa líquida de 2.777 e 2.492 trabalhadores no terceiro trimestre de 2016, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais negativos. Em contrapartida, conforme a Tabela 1, os setores de Indústria de Transformação (+163 postos) e Administração Pública (+84 postos) foram os únicos a evidenciar abertura líquida de postos de trabalho no trimestre.

O saldo de empregos com carteira assinada do país também foi negativo no terceiro trimestre de 2016, registrando 160.868 postos suprimidos. A Região Nordeste, com o surgimento de 30.763 empregos celetistas, apresentou o único saldo positivo entre as regiões. O Sudeste, com 156.803 postos a menos, foi a que mais eliminou. Das unidades da Federação, em 17 houve fechamento de postos. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com

Tabela 1**Comportamento do mercado de trabalho formal por setor de atividade econômica em termos de saldo, por trimestre – Bahia – 3º tri. 2015/2º tri. 2016/3º tri. 2016**

Sector de atividade econômica	3º tri. 2015	2º tri. 2016	3º tri. 2016
Extrativa Mineral	62	-602	-234
Indústria de Transformação	-1.065	704	163
Serviços Industriais de Utilidade Pública	-463	-199	-494
Construção Civil	-6.882	-9.047	-2.777
Comércio	-2.960	-5.825	-2.492
Serviços	-4.561	-10.968	-2.007
Administração Pública	-523	339	84
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-1.597	6.011	-2.446
Total	-17.989	-19.587	-10.203

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

corde de 10.203 oportunidades ocupacionais, ficou na 22ª posição no trimestre, duas acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, quatro obtiveram saldo negativo no trimestre, sendo que a Bahia (-10.203 postos) apresentou o menor saldo e Pernambuco (+20.283 postos), o maior.

Quanto à distribuição intraestadual, diferentemente do ocorrido no trimestre antecedente, quando apenas a Região Metropolitana de Salvador (RMS) eliminou postos de trabalho, neste trimestre, o interior também revelou corte líquido de vagas. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, no entanto, o padrão se repetiu – mas, agora, cada região com uma contração menos acentuada que a de um ano atrás.

No terceiro trimestre, a RMS eliminou 6.647 empregos com registro em carteira, uma perda mais de três vezes menor que a do segundo trimestre (-22.472 postos). O interior, por sua vez, foi responsável pelo corte de 3.556 postos nesse mesmo intervalo (Tabela 2). No acumulado do ano, a perda de empregos na RMS se encontra muito acima da ocorrida em outras regiões do estado, permitindo apontar a área metropolitana como epicentro da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano até o momento.

Tabela 2**Comportamento do mercado de trabalho celetista baiano entre RMS e interior, em termos de saldo, por trimestre – 3º tri. 2015/2º tri. 2016/3º tri. 2016**

Área geográfica	3º tri. 2015	2º tri. 2016	3º tri. 2016
Bahia	-17.989	-19.587	-10.203
RMS	-10.597	-22.472	-6.647
Interior	-7.392	2.885	-3.556

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo negativo de 10.203 empregos formais na Bahia, observado no terceiro trimestre, foi oriundo de 143.859 admissões e 154.062 desligamentos. Em relação ao trimestre precedente, houve redução tanto das contratações (com 1.917 admitidos a menos) quanto dos desligamentos (com 11.301 desligados a menos). A queda no número de admitidos, diante de um nível de ocupação cada vez menor, que engessa os desligamentos, revela uma maior dificuldade em se alocar e realocar do que se manter em uma vaga.

Conforme a Tabela 3, no campo das admissões, o reemprego, tipo de contratação mais comum no mercado de trabalho formal baiano, recuou 1,6% na comparação com o trimestre antecedente². Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de desligamento, apresentou decréscimo de 9,3%. Além disso, os termos de contrato por prazo determinado destacaram-se pela ampliação em 28,2% e os desligamentos por aposentadoria, pela diminuição em 20,0%.

Tabela 3
Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 2º tri. 2016/3º tri. 2016

Tipo mov. desagrado	2º tri. 2016	3º tri. 2016	Varição
Admissão por Reemprego	117.780	115.894	-1,6%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	14.228	14.209	-0,1%
Admissão por Primeiro Emprego	13.630	13.611	-0,1%
Admissão por Reintegração	138	145	5,1%
Admissão por Transferência	0	0	-
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	-190	-152	-20,0%
Desligamento por Morte	-543	-488	-10,1%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	-1.213	-1.214	0,1%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	-4.628	-5.932	28,2%
Desligamento a Pedido	-15.695	-15.225	-3,0%
Desligamento por Término de Contrato	-21.693	-20.999	-3,2%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	-121.401	-110.052	-9,3%
Total	-19.587	-10.203	-

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

Ao longo do ano, o fechamento de postos de trabalho alcançou quase todos os níveis de remuneração, excetuando-se o dos que receberam até um salário mínimo. Assim, apesar da debilidade do quadro econômico, continua havendo oportunidades de trabalho para os que ganham menos – fato somente não observado no último trimestre de 2015, quando o saldo havia sido negativo até para este grupo (Gráfico 3). Pelo visto, com a persistência da crise, o expediente de desligar primeiramente os trabalhadores mais bem remunerados, posto em prática pelas empresas como medida de primeira ordem para controle dos custos, continuou em curso no terceiro trimestre.

Do segundo ao terceiro trimestre de 2016, o grupo dos que recebem menos tiveram sua absorção comprimida, enquanto os demais estratos se depararam com uma mitigação na perda de postos. Entre os grupos salariais com eliminação de postos de trabalho, aqueles do estrato entre um e dois salários mínimos continuaram registrando a maior das perdas, mas também exibiram a mais acentuada das reações absolutas de um trimestre ao outro.

No terceiro trimestre de 2016, o salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.251 – inferior em R\$ 142 em relação ao do país, que foi de R\$ 1.393. Apesar disso, trata-se do maior valor desde o terceiro trimestre de 2014 (R\$ 1.258). Em relação ao segundo trimestre, quando alcançou R\$ 1.191, houve aumento de 5,1%. Na comparação interanual, também, ocorreu ampliação, já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.234 – alta, portanto, de 1,4%. A evolução trimestral deste indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

² Definimos como reempregado o trabalhador que já possuiu vínculo formal de trabalho anteriormente.

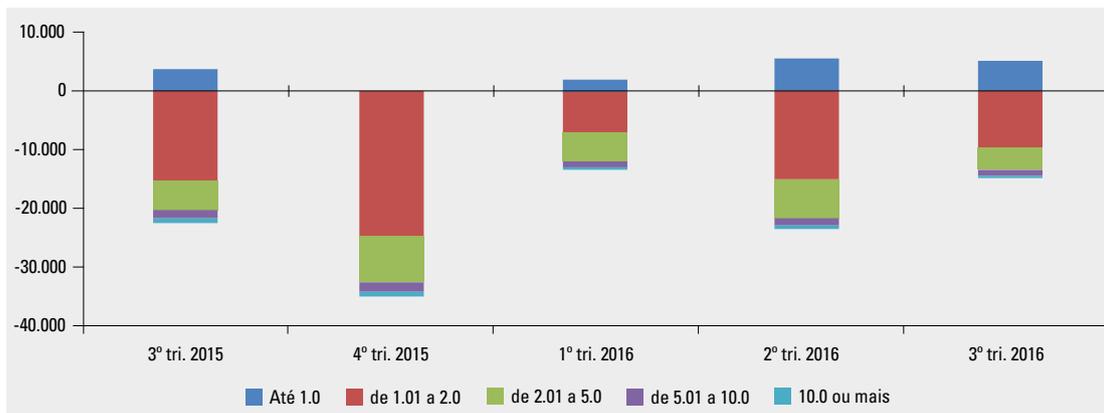


Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 3º tri. 2015-3º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

No terceiro trimestre, após queda no trimestre anterior, a remuneração média dos trabalhadores admitidos voltou a subir, ratificando sua oscilação. O salário real médio de desligamento, após dois recuos seguidos, aumentou pela segunda vez subsequente, mas sem recuperar o valor de um ano antes. A diferença entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no terceiro trimestre deste ano, diminuiu em relação à dos trimestres de comparação. Enquanto no trimestre atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 90,8% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no terceiro de 2015, esses percentuais foram de 87,2% e 88,6%, respectivamente – denotando, assim, elevação do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.

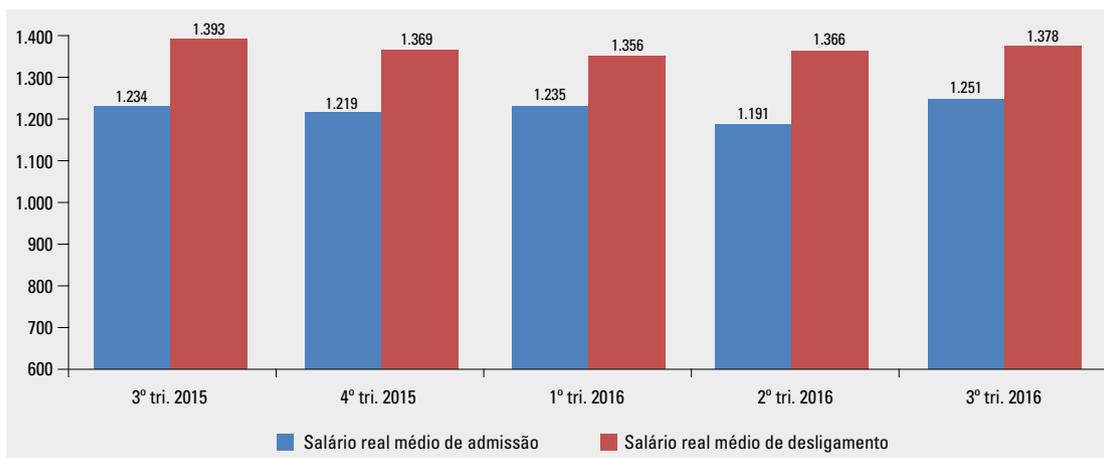


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 3º tri. 2015-3º tri. 2016

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Dados deflacionados em relação a junho de 2016 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) para a Bahia, sintetizados na Tabela 4, o ano de 2016 confinou as três maiores taxas trimestrais de desocupação desde o início da pesquisa, em 2012. A taxa do terceiro trimestre, estimada em 15,9%, representa o maior patamar alcançado – 3,1 pontos percentuais maior que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando a taxa ficou em 12,8%, e 0,5 ponto percentual acima da do segundo trimestre deste ano, de 15,4%.

A taxa de desocupação na Bahia, no terceiro trimestre de 2016, continuou acima da brasileira, cuja estimativa foi de 11,8%, e da nordestina, estimada em 14,1%. A Região Nordeste, por sinal, revelou a maior taxa entre as regiões no trimestre em análise, ficando a Região Sul com a menor, 7,9%. Entre as unidades da Federação, a Bahia foi o estado com a maior taxa de desocupação e Santa Catarina (6,7%), aquele com a menor.

A população ocupada, no trimestre analisado, foi estimada em 6,083 milhões, representando queda de 7,0% (-455 mil pessoas) em referência a do mesmo período do ano anterior e de 2,1% (-130 mil) quando confrontada com a do trimestre imediatamente antecedente. A população desocupada foi estimada em 1,151 milhão de pessoas – aumento de 1,9% frente à do segundo trimestre deste ano e de 19,5% em relação à do mesmo trimestre de 2015. Em relação ao registrado um ano antes, o montante de 188 mil pessoas a mais no contingente sem ocupação se deveu à redução de 455 mil postos de trabalho agregada aos 267 mil indivíduos que saíram da força de trabalho no período.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, o nível de emprego entre o segundo e o terceiro trimestre se reduziu no setor de Transporte, armazenagem e correio (-11,1%); Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (-4,4%); Serviços domésticos (-3,8%); Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (-3,1%); Indústria geral (-2,8%); Outros serviços (-2,5%); Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (-2,0%); e Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais (-1,7%). Em compensação, aumentou no de Alojamento e alimentação (+10,6%) e no de Construção (+2,3%).

Com base na PNADC, o rendimento médio real, habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas, no terceiro trimestre de 2016, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.314 – segundo menor registro da série, acima apenas ao do trimestre passado (R\$ 1.302). Em relação ao terceiro trimestre de 2015, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.419, houve recuo de 7,4%, e num comparativo com o valor do trimestre anterior, aumento de 0,9%. A massa de rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 7,718 bilhões – queda de 0,8% frente à do trimestre imediatamente anterior, quando registrou R\$ 7,781 bilhões e de 12,7% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano anterior, cujo valor havia sido de R\$ 8,840 bilhões.

Tabela 4
Resumo das principais informações da PNAD Contínua para a Bahia

Indicador	Período			Variação	
	3º tri. 2015	2º tri. 2016	3º tri. 2016	3º tri. 2016/ 3º tri. 2015	3º tri. 2016/ 2º tri. 2016
Taxa de desocupação	12,8%	15,4%	15,9%	3,1 p.p.	0,5 p.p.
Nível da ocupação	54,5%	51,5%	50,1%	-4,4 p.p.	-1,4 p.p.
População ocupada	6,539 milhões	6,213 milhões	6,083 milhões	-7,0%	-2,1%
População desocupada	963 mil	1.129 mil	1.151 mil	19,5%	1,9%
Rendimento real habitual	R\$ 1.419	R\$ 1.302	R\$ 1.314	-7,4%	0,9%
Massa de rendimento (em milhões de reais)	R\$ 8.840	R\$ 7.781	R\$ 7.718	-12,7%	-0,8%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) mostram que no terceiro trimestre de 2016 o mercado de trabalho persistiu enfrentando as dificuldades decorrentes da continuidade da redução do nível de atividade da economia. A taxa de desemprego total³, calculada em 24,8% no segundo trimestre, aumentou para 25,5% no terceiro trimestre, superando em quase um terço o valor de 19,4% registrado no mesmo trimestre de 2015. Embora tenha havido algum crescimento da ocupação entre o segundo e o terceiro trimestre do ano, esse aumento foi insuficiente para repor os postos existentes em 2015.

A PEDRMS mostra que a taxa de desemprego total cresceu continuamente a partir do início do ano de 2015, atingindo níveis especialmente elevados em 2016. O número de desempregados, calculado em 319 mil no primeiro trimestre de 2015, acompanhou o aumento da taxa de desemprego, alcançando o limite máximo na série iniciada em 2010 no terceiro trimestre de 2016, com 493 mil desempregados (Gráfico 5 e Tabela 1A, em apêndice). Contudo, embora a taxa de desemprego trimestral seja tendencialmente crescente após 2015, os dados relativos aos meses do terceiro trimestre de 2016 são relativamente estáveis: 25,7% nos meses de julho e agosto e 25,5%, em setembro, indicando certa estabilidade da taxa em um patamar elevado.

O crescimento da taxa de desemprego afetou todos os seus componentes, sendo, porém, mais intenso para o desemprego oculto (aumento de 7,1% em relação ao segundo trimestre e 44,2% em face ao terceiro trimestre de 2015) que para o desemprego aberto (crescimento de 1,1% e 26,8%, respectivamente), mostrando que um número crescente de trabalhadores está sendo obrigado a se submeter às difíceis condições do trabalho precário, ou sendo atingido pelo desalento durante a penosa busca por ocupação.

³ A taxa de desemprego total é uma média móvel, calculada com base em três painéis, envolvendo a coleta dos últimos três meses. Outros indicadores da PEDRMS seguem a mesma metodologia.

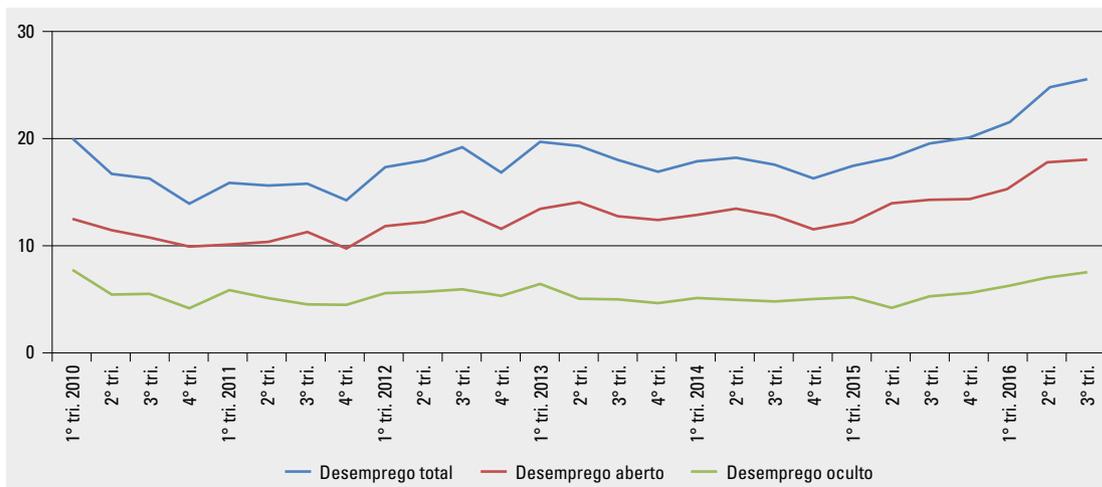


Gráfico 5
Taxa de desemprego por tipo por trimestre – RMS – 2010-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

A evolução da taxa de desemprego total da RMS entre o segundo e o terceiro trimestre está relacionada com o maior crescimento da PEA em relação ao da ocupação. Com efeito, a criação de 30 mil novas posições de trabalho foi insuficiente para atender aos 58 mil trabalhadores que chegaram ao mercado de trabalho.

O aumento da ocupação entre o segundo e o terceiro trimestre também foi insuficiente para repor as posições perdidas no último ano, de modo que o número de pessoas com trabalho diminuiu em 33 mil (ou -2,2%) entre o terceiro trimestre de 2015 e o de 2016. Concomitante à redução da ocupação registrada pela análise anual, a PEA cresceu em 106 mil trabalhadores (ou 5,8%), elevando o estoque de desempregados em 139 mil pessoas (Gráfico 6).

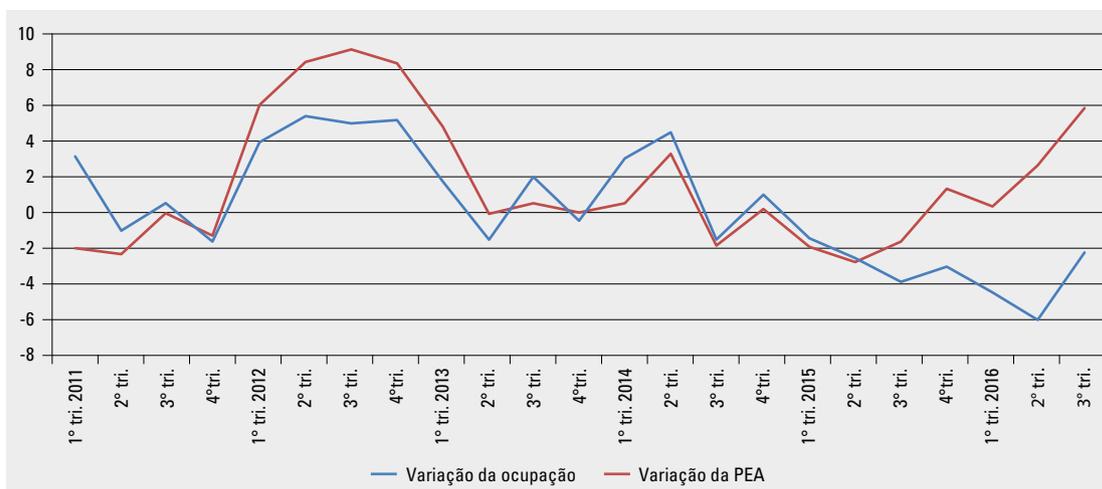


Gráfico 6
Variação da PEA e da ocupação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – RMS – 2011-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Os 30 mil novos postos de trabalho criados entre o segundo e o terceiro trimestre de 2016 foram distribuídos entre os diversos segmentos ocupacionais. Na *Indústria de transformação* e no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, foram gerados 10 mil postos de trabalho em cada setor (representando acréscimos de 9,6% e 3,6%, respectivamente), nos Serviços, 6 mil (0,7%) e na Construção, mil (0,9%) (Tabela 2A, em apêndice).

Como observado anteriormente, o crescimento da ocupação entre o segundo e terceiro trimestre de 2016 não foi suficiente para recolocá-la no nível registrado em 2015. Em relação ao terceiro trimestre do ano passado, são 20 mil postos de trabalho a menos nos *Serviços* (ou -2,2% dos existentes no terceiro trimestre de 2015), 17 mil na *Construção* (-13,6%) e 2 mil no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-0,7%). Apenas a *Indústria de transformação* apresentou resultado positivo, com acréscimo de mil postos (0,9%).

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, o crescimento da ocupação entre o segundo e o terceiro trimestre de 2016 resultou do forte incremento do trabalho *Autônomo* (7,1% ou mais 18 mil ocupações), do aumento do trabalho *Assalariado* (2,2% ou 21 mil empregos) e da redução do número de *Empregados domésticos* (-3,4% ou menos 4 mil) (Tabela 3A, em apêndice).

Entre os *Assalariados*, houve intenso crescimento do trabalho assalariado no setor público (9,4% ou 12 mil empregos) e aumento relativamente modesto no setor privado (1,2% ou 10 mil empregos). No setor privado, o contingente de trabalhadores sem carteira de trabalho assinada ficou estável e o com carteira assinada aumentou 1,4% (ou 10 mil postos formais).

Ainda em relação à posição na ocupação, nos últimos 12 meses houve redução em quase todos os segmentos de trabalhadores, com a exceção do trabalho assalariado no setor público, que cresceu 6,1% com a contratação de 8 mil trabalhadores. No trabalho *Autônomo*, a redução foi de 4,9% (menos 14 mil postos); no *Emprego doméstico*, redução de 1,7% (menos 2 mil); e no trabalho *Assalariado*, de 1,9% (menos 19 mil empregos). Embora a diminuição do trabalho assalariado no setor privado (-2,9%) tenha penalizado mais os trabalhadores sem carteira de trabalho (redução de 10 mil empregos ou -9,2%) também houve perda entre os com carteira assinada (menos 15 mil postos ou -2,0%).

Os dados sobre rendimentos do trabalho não abrangem todos os meses do trimestre em análise⁴. Contudo, os valores encontrados para os ocupados nos dois primeiros meses mostraram melhorias em relação aos do segundo trimestre do ano tanto do nível de rendimento médio real quanto da massa de rendimentos (Tabela 4A, em apêndice).

Em comparação aos valores reais vigentes no segundo trimestre, os rendimentos dos ocupados cresceram 2,3% em julho e 2,9% em agosto, indicando que se poderá ter, ao final do terceiro trimestre, ganho real de rendimentos para os ocupados. A massa de rendimentos cresceu nesses meses em relação ao segundo trimestre: em julho, graças exclusivamente ao ganho de rendimento e em agosto, em razão do aumento da ocupação e do rendimento.

O quadro da evolução dos rendimentos do trabalho persiste negativo em relação ao segundo e ao terceiro trimestre do ano anterior (Gráfico 7). As perdas do salário médio dos ocupados atingem 6,1% quando a comparação é feita com o segundo trimestre de 2015 e 2,6% face ao terceiro trimestre de 2015. As quedas da massa de rendimentos em 10,7% e 5,6%, respectivamente, combinam redução no nível de ocupação com perdas na média dos rendimentos.

⁴ A razão para a defasagem das informações sobre rendimento nas pesquisas que adotam a metodologia da PED se deve ao fato dos entrevistados serem inquiridos sobre os rendimentos obtidos no mês anterior. Trata-se, portanto, do rendimento de fato recebido e não do rendimento esperado para o mês da entrevista.

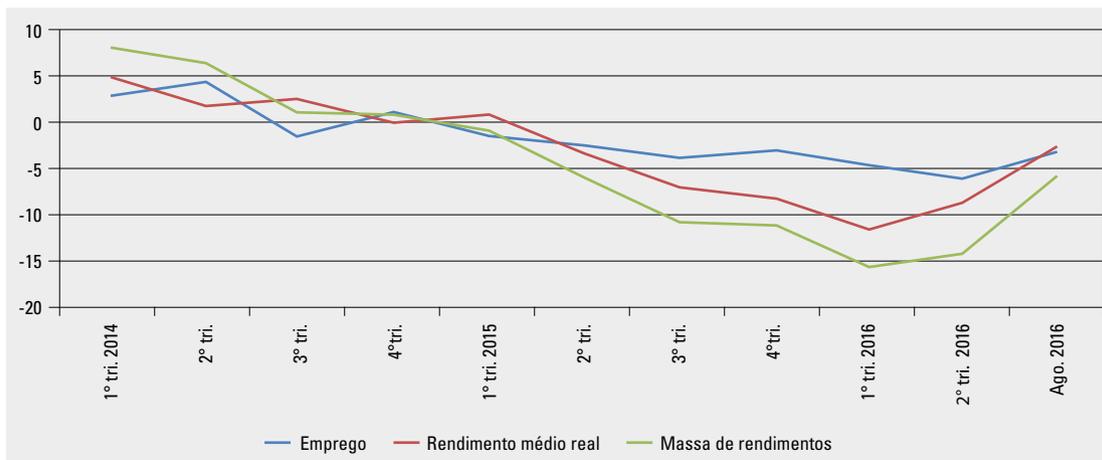


Gráfico 7
Variação em 12 meses do emprego, do rendimento médio real e da massa de rendimentos – RMS – 2014-2016

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas empresariais a respeito de diversos temas e o ânimo quanto à contratação futura, por exemplo, é um deles. Construído a partir das respostas dos empresários baianos em relação aos planos de contratar, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde dezembro de 2013. Ao longo do terceiro trimestre (julho: -318 pontos; agosto: -262 pontos; e setembro: -226 pontos), o IEE assumiu patamares menos pessimistas que os observados no segundo trimestre. No entanto, a perspectiva apontada por esse indicador continua sendo a de eliminação de postos de trabalho no futuro. A propósito, o mês de setembro revelou o registro menos negativo desde janeiro de 2015.

Em relação ao final do trimestre antecedente, todos os setores atenuaram o desânimo (Gráfico 8). Destaque para Serviços, com sete avanços seguidos, e Agropecuária, com o melhor dos indicadores. O segmento de Comércio apresentou o pior dos indicadores para emprego em setembro. No ano, foi a terceira vez que o cenário projetado por este setor, no quesito emprego, assumiu o resultado mais pessimista.

Analisando-se o nível esperado de contratação para os 12 meses posteriores ao terceiro trimestre de 2016, 52,0% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados; 41,4% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; e apenas 6,6% cogitaram a possibilidade de contratar.

Conforme o Gráfico 9, o intento, por parte do setor produtivo baiano, de reduzir o quadro de funcionários decresceu pelo segundo mês seguido – após ter atingido seu maior nível no primeiro trimestre do ano. Em paralelo, tanto o fito de admitir quanto o de manter trabalhadores progrediram pela segunda vez seguida, com ambos alcançando seus maiores estágios entre os trimestres sob averiguação.

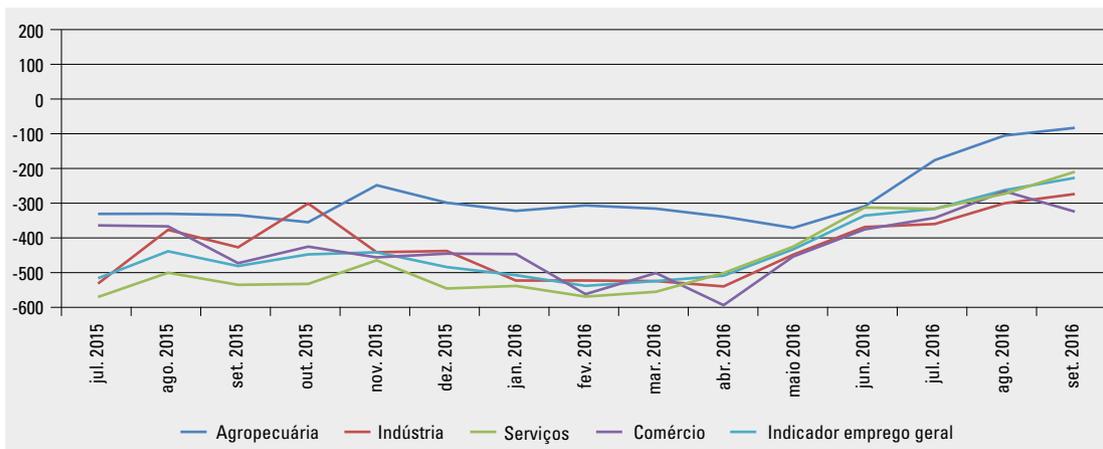


Gráfico 8
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego, por setor de atividade – Bahia – Jul. 2015-set. 2016

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

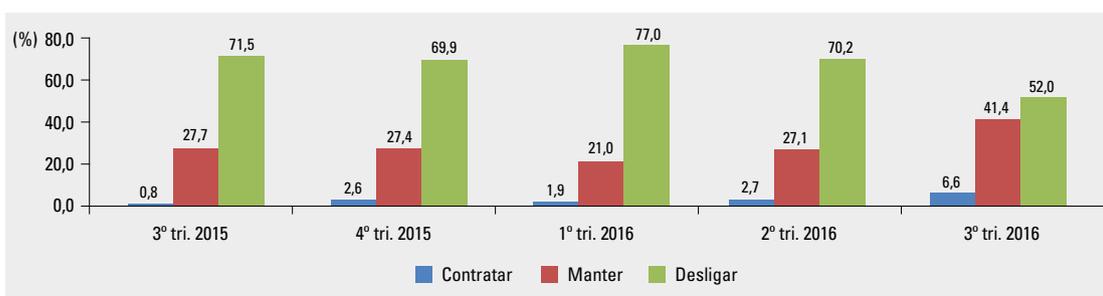


Gráfico 9
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – 3º tri. 2015-3º tri. 2016

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Projeção do emprego formal

A projeção realizada pela SEI indica que a deterioração do mercado de trabalho baiano continua em curso, com corte previsto de 31.974 postos no quarto trimestre de 2016⁵. Se confirmada tal expectativa, o saldo de empregos com carteira assinada na Bahia, no próximo trimestre, representará o segundo menor registro para o período desde 2006. O menor saldo num quarto trimestre, portanto, continuará sendo o ocorrido em 2015, quando foram eliminados 37.788 vínculos celetistas.

A perda de empregos com carteira assinada esperada para o quarto trimestre do ano está sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Agropecuária (-10.119 postos), Construção Civil (-9.209 oportunidades) e Indústria de Transformação (-7.432 postos). Apenas Comércio deverá lograr saldo positivo, com a geração de 1.093 postos. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

⁵ A projeção feita pela SEI se utilizou de dados atualizados até setembro de 2016.

Tabela 5
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica

Mês	Setor de atividade econômica								
	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Serviços industriais de utilidade pública	Construção civil	Comércio	Serviços	Administração pública	Agropecuária	Total
Out. 2016	-123	-1.016	-80	-3.418	-64	-2.062	-33	-2.301	-9.097
Nov. 2016	-78	-2.558	-104	196	2.273	1.198	-1.045	-3.697	-3.815
Dez. 2016	-118	-3.858	-106	-5.987	-1.116	-3.784	28	-4.121	-19.062
Total	-319	-7.432	-290	-9.209	1.093	-4.648	-1.050	-10.119	-31.974

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Até o momento, não se enxergam sinais de mudança capazes de legitimar uma retomada do mercado de trabalho baiano no curto prazo. A projeção feita pela SEI, com supressão de 31.974 vínculos formais para o próximo trimestre, o cenário ainda pessimista captado pela Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, juntamente com outros vetores de desaceleração econômica no estado, além dos últimos dados de fluxos do Caged e das informações vinculadas pela PNADC e PEDRMS, ajudam a fundamentar a permanência da expectativa negativa quanto à dinâmica do emprego na Bahia para os próximos meses – consolidando os indícios de que o mercado de trabalho celetista continuará enfrentando dificuldades em território baiano.

Tabela 1A
Estimativas da População Total e Economicamente Ativa e dos Inativos Maiores de 10 Anos, Taxas Globais de Participação e de Desemprego Total
Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016

Trimestres	População economicamente ativa						Inativos maiores de 10 anos			Taxas (%)	
	Total		Ocupados		Desempregados		Índice (2)	Índice (2)	Índice (2)	Participação (pea/pia)	Desemprego total (des/pea)
	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)	Números absolutos (1)	Índice (2)					
1º tri. 2010	1.722	115,0	1.379	125,5	343	86,2	1226	128,0	58,4	19,9	
2º tri. 2010	1.724	115,2	1.436	130,7	288	72,4	1.238	129,2	58,2	16,7	
3º tri. 2010	1.728	115,4	1.448	131,8	280	70,4	1.246	130,1	58,1	16,2	
4º tri. 2010	1.745	116,6	1.504	136,9	241	60,6	1.243	129,7	58,4	13,8	
1º tri. 2011	1.687	112,7	1.422	129,4	265	66,6	1.315	137,3	56,2	15,7	
2º tri. 2011	1.683	112,4	1.422	129,4	261	65,6	1.333	139,1	55,8	15,5	
3º tri. 2011	1.727	115,4	1.454	132,3	273	68,6	1.302	135,9	57,0	15,8	
4º tri. 2011	1.722	115,0	1.479	134,6	243	61,1	1.320	137,8	56,6	14,1	
1º tri. 2012	1.788	119,4	1.479	134,6	309	77,6	1.268	132,4	58,5	17,3	
2º tri. 2012	1.824	121,8	1.498	136,3	326	81,9	1.247	130,2	59,4	17,9	
3º tri. 2012	1.884	125,9	1.526	138,9	358	89,9	1.200	125,3	61,1	19,0	
4º tri. 2012	1.865	124,6	1.555	141,5	310	77,9	1.233	128,7	60,2	16,6	
1º tri. 2013	1.873	125,1	1.504	136,9	369	92,7	1.239	129,3	60,2	19,7	
2º tri. 2013	1.822	121,7	1.474	134,1	348	87,4	1.304	136,1	58,3	19,1	
3º tri. 2013	1.893	126,5	1.556	141,6	337	84,7	1.247	130,2	60,3	17,8	
4º tri. 2013	1.864	124,5	1.549	140,9	315	79,1	1.290	134,7	59,1	16,9	
1º tri. 2014	1.862	125,7	1.549	140,9	333	83,7	1.286	134,2	59,4	17,7	
2º tri. 2014	1.881	125,7	1.539	140,0	342	85,9	1.302	135,9	59,1	18,2	
3º tri. 2014	1.857	124,0	1.532	139,4	325	81,7	1.340	139,9	58,1	17,5	
4º tri. 2014	1.869	124,8	1.564	142,3	305	76,6	1.342	140,1	58,2	16,3	
1º tri. 2015	1.845	123,2	1.526	138,9	319	80,2	1.381	144,2	57,2	17,3	
2º tri. 2015	1.828	122,1	1.499	136,4	329	82,7	1.413	147,5	56,4	18,0	
3º tri. 2015	1.826	122,0	1.472	133,9	354	88,9	1.429	149,2	56,1	19,4	
4º tri. 2015	1.893	126,5	1.516	137,9	377	94,7	1.376	143,6	57,9	19,9	
1º tri. 2016	1.852	123,7	1.457	132,6	395	99,2	1.432	149,5	56,4	21,3	
2º tri. 2016	1.874	125,2	1.409	128,2	465	116,8	1.425	148,7	56,8	24,8	
3º tri. 2016	1.932	129,1	1.439	130,9	493	123,9	1.382	144,3	58,3	25,5	
Variação(%)											
3º tri. 2016/2º tri. 2016		3,1		2,1		6,0		-3,0	2,6	2,8	
Variação(%)											
3º tri. 2016/3º tri. 2015		5,8		-2,2		39,3		-3,3	3,9	31,4	

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MITb/FAT.

(1) Em 1000 pessoas.

(2) Base: média de 2000 = 100.

Nota: Projeções populacionais ajustadas com base no Censo de 2010. Ver nota técnica nº 8.

Tabela 2A
Estimativas e índices do nível de ocupação, por setor de atividade – Região Metropolitana de Salvador – 2011-2016

Trimestres	Estimativas e índices do nível de ocupação, por setor de atividade										
	Total (1)		Indústria de transformação (2)		Construção (3)		Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (4)		Serviços (5)		
	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	Números absolutos (6)	Índices (7)	
1º tri. 2011	1.422	98,6	128	98,5	129	97,0	262	95,3	865	100,1	
2º tri. 2011	1.422	98,6	132	101,5	127	95,5	262	95,3	855	99,0	
3º tri. 2011	1.454	100,8	124	95,4	134	100,8	286	104,0	874	101,2	
4º tri. 2011	1.479	102,6	136	104,6	141	106,0	293	106,5	871	100,8	
1º tri. 2012	1.479	102,6	123	94,6	146	109,8	282	102,5	884	102,3	
2º tri. 2012	1.498	103,9	135	103,8	147	110,5	288	104,7	888	102,8	
3º tri. 2012	1.526	105,8	131	100,8	134	100,8	291	105,8	926	107,2	
4º tri. 2012	1.555	107,8	137	105,4	149	112,0	295	107,3	935	108,2	
1º tri. 2013	1.504	104,3	123	94,6	138	103,8	308	112,0	890	103,0	
2º tri. 2013	1.474	102,2	131	100,8	139	104,5	273	99,3	889	102,9	
3º tri. 2013	1.556	107,9	129	99,2	146	109,8	303	110,2	935	108,2	
4º tri. 2013	1.549	107,4	136	104,6	156	117,3	301	109,5	917	106,1	
1º tri. 2014	1.549	107,4	124	95,4	158	118,8	308	112,0	925	107,1	
2º tri. 2014	1.539	106,7	134	103,1	155	116,5	299	108,7	914	105,8	
3º tri. 2014	1.532	106,2	121	93,1	150	112,8	280	101,8	945	109,4	
4º tri. 2014	1.564	108,5	124	95,4	152	114,3	311	113,1	945	109,4	
1º tri. 2015	1.526	105,8	137	105,4	130	97,7	285	103,6	948	109,7	
2º tri. 2015	1.499	104,0	129	99,2	121	91,0	297	108,0	922	106,7	
3º tri. 2015	1.472	102,1	113	86,9	125	94,0	290	105,5	919	106,4	
4º tri. 2015	1.516	105,1	112	86,2	126	94,7	279	101,5	972	112,5	
1º tri. 2016	1.457	101,0	109	83,8	122	91,7	278	101,1	921	106,6	
2º tri. 2016	1.409	97,7	104	80,0	107	80,5	278	101,1	893	103,4	
3º tri. 2016	1.439	99,8	114	87,7	108	81,2	288	104,7	899	104,1	
Variação(%)											
3º tri. 2016/2º tri. 2016		2,1		9,6		0,9		3,6		0,7	
Variação(%)											
3º tri. 2016/3º tri. 2015		-2,2		0,9		-13,6		-0,7		-2,2	

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.
 (-) Dados não disponíveis. A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010.
 (1) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se a CNAE 2.0 domiciliar.
 (2) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.
 (3) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.
 (4) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.
 (5) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar.
 (6) Em 1.000 pessoas.
 (7) Base: média de 2011 = 100.
 Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 01/2012.

Estimativas e índices do nível de ocupação, por posição na ocupação – Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016

Trimestres	Assalariados (2)										Autônomos		Empregados domésticos			
	Total (1)			Total			Setor privado				Setor público (3)		Números absolutos (4)	Índices (5)	Números absolutos (4)	Índices (5)
	Números absolutos (4)	Índices (5)														
													Com carteira assinada		Sem carteira assinada	
1º tri. 2010	1.379	125,5	923	140,5	740	148,9	610	167,6	130	97,7	183	114,4	284	115,0	101	87,8
2º tri. 2010	1.436	130,7	965	146,9	764	153,7	648	178,0	116	87,2	201	125,6	279	113,0	108	93,9
3º tri. 2010	1.448	131,8	972	147,9	760	152,9	630	173,1	130	97,7	210	131,3	294	119,0	109	94,8
4º tri. 2010	1.504	136,9	1.009	153,6	800	161,0	669	183,8	131	98,5	208	130,0	314	127,1	104	90,4
1º tri. 2011	1.422	129,4	947	144,1	762	153,3	644	176,9	118	88,7	183	114,4	299	121,1	112	97,4
2º tri. 2011	1.422	129,4	974	148,2	799	160,8	685	188,2	114	85,7	173	108,1	282	114,2	112	97,4
3º tri. 2011	1.454	132,3	960	146,1	795	160,0	680	186,8	115	86,5	164	102,5	314	127,1	124	107,8
4º tri. 2011	1.479	134,6	979	149,0	828	166,6	707	194,2	121	91,0	151	94,4	308	124,7	127	110,4
1º tri. 2012	1.479	134,6	991	150,8	834	167,8	711	195,3	123	92,5	154	96,3	305	123,5	129	112,2
2º tri. 2012	1.498	136,3	1.014	154,3	870	175,1	750	206,0	120	90,2	142	88,8	304	123,1	127	110,4
3º tri. 2012	1.526	138,9	1.016	154,6	862	173,4	732	201,1	130	97,7	154	96,3	325	131,6	125	108,7
4º tri. 2012	1.555	141,5	1.064	161,9	900	181,1	774	212,6	126	94,7	165	103,1	306	123,9	123	107,0
1º tri. 2013	1.504	136,9	1.023	155,7	880	177,1	761	209,1	119	89,5	141	88,1	298	120,6	123	107,0
2º tri. 2013	1.474	134,1	996	151,6	859	172,8	746	204,9	113	85,0	137	85,6	307	124,3	124	107,8
3º tri. 2013	1.556	141,6	1.046	159,2	896	180,3	767	210,7	129	97,0	148	92,5	322	130,4	123	107,0
4º tri. 2013	1.549	140,9	1.061	161,5	907	182,5	795	218,4	112	84,2	155	96,9	296	119,8	124	107,8
1º tri. 2014	1.549	140,9	1.063	161,8	923	185,7	793	217,9	130	97,7	141	88,1	290	117,4	129	112,2
2º tri. 2014	1.539	140,0	1.065	162,1	917	184,5	805	221,2	112	84,2	148	92,5	282	114,2	119	103,5
3º tri. 2014	1.532	139,4	1.040	158,3	887	178,5	778	213,7	109	82,0	152	95,0	296	119,8	132	114,8
4º tri. 2014	1.564	142,3	1.074	163,5	929	186,9	816	224,2	113	85,0	145	90,6	296	119,8	127	110,4
1º tri. 2015	1.526	138,9	1.067	162,4	914	183,9	812	223,1	102	76,7	153	95,6	278	112,6	114	99,1
2º tri. 2015	1.499	136,4	1.027	156,3	878	176,7	787	216,2	91	68,4	148	92,5	268	108,5	118	102,6
3º tri. 2015	1.472	133,9	998	151,9	864	173,8	755	207,4	109	82,0	132	82,5	287	116,2	116	100,9
4º tri. 2015	1.516	137,9	1.052	160,1	892	179,5	781	214,6	111	83,5	161	100,6	273	110,5	121	105,2
1º tri. 2016	1.457	132,6	1.002	152,5	877	176,5	784	215,4	93	69,9	125	78,1	267	108,1	115	100,0
2º tri. 2016	1.409	128,2	958	145,8	829	166,8	730	200,5	99	74,4	128	80,0	255	103,2	118	102,6
3º tri. 2016	1.439	130,9	979	149,0	839	168,8	740	203,3	99	74,4	140	87,5	273	110,5	114	99,1
Variação(%)																
3º tri. 2016/2º tri. 2016		2,1		2,2		1,2		1,4		0,0		9,4		7,1		-3,4
Variação(%)																
3º tri. 2016/3º tri. 2015		-2,2		-1,9		-2,9		-2,0		-9,2		6,1		-4,9		-1,7

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

(1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração, profissionais liberais e outras posições ocupacionais.

(2) Excluem os empregados domésticos e incluem aqueles que não sabem a que setor pertence a empresa em que trabalham.

(3) Incluem os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.).

(4) Em 1000 pessoas.

(5) Base: média de 2000 = 100.

Tabela 4A**Índices Trimestrais do Emprego, do Rendimento Médio Real e da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados e dos Assalariados (1) – Região Metropolitana de Salvador – 2010-2016**

Base: média de 2000 = 100

Trimestres	Ocupados (2)			Assalariados (3)		
	Emprego	Rendimento médio real	Massa de rendimentos reais	Emprego	Salário médio real	Massa salarial real
1º tri. 2010	125,5	109,8	137,7	140,5	108,2	152,0
2º tri. 2010	130,7	111,0	145,0	146,9	108,2	158,9
3º tri. 2010	131,8	111,6	147,0	147,9	109,1	161,4
4º tri. 2010	136,9	110,7	151,5	153,6	108,8	167,1
1º tri. 2011	129,4	102,4	132,5	144,1	101,1	145,8
2º tri. 2011	129,4	104,1	134,7	148,2	103,6	153,7
3º tri. 2011	132,3	95,3	126,1	146,1	94,4	138,0
4º tri. 2011	134,6	96,7	130,2	149,0	96,8	144,3
1º tri. 2012	134,6	97,7	131,5	150,8	97,4	146,9
2º tri. 2012	136,3	96,2	131,1	154,3	95,0	146,6
3º tri. 2012	138,9	97,4	135,3	154,6	96,3	148,9
4º tri. 2012	141,5	98,9	140,0	161,9	97,7	158,2
1º tri. 2013	136,9	96,9	132,6	155,7	95,8	149,2
2º tri. 2013	134,1	100,7	135,1	151,6	100,2	152,0
3º tri. 2013	141,6	100,0	141,6	159,2	98,7	157,2
4º tri. 2013	140,9	105,1	148,1	161,5	101,4	163,8
1º tri. 2014	140,9	101,7	143,4	161,8	99,0	160,1
2º tri. 2014	140,0	102,7	143,7	162,1	100,8	163,4
3º tri. 2014	139,4	102,6	143,0	158,3	100,0	158,3
4º tri. 2014	142,3	104,9	149,2	163,5	101,8	166,4
1º tri. 2015	138,9	102,5	142,3	162,4	98,0	159,2
2º tri. 2015	136,4	99,2	135,2	156,3	95,4	149,1
3º tri. 2015	133,9	95,6	128,0	151,9	93,7	142,3
4º tri. 2015	137,9	96,4	132,9	160,1	92,6	148,3
1º tri. 2016	132,6	90,7	120,3	152,5	86,9	132,5
2º tri. 2016	128,2	90,5	116,0	145,8	87,5	127,6
Jul. 2016	127,9	92,5	118,4	142,8	89,6	128,0
Ago. 2016	129,8	93,1	120,8	145,2	89,5	130,0
Variação (%) Jul. 2016/ 2º tri. 2016	-0,2	2,3	2,1	-2,1	2,4	0,3
Variação (%) Ago. 2016/ 2º tri. 2016	1,2	2,9	4,2	-0,4	2,3	1,9
Variação no ano (%) Ago. 2016/ 2º tri. 2015	-4,9	-6,1	-10,7	-7,1	-6,1	-12,8
Variação no ano (%) Ago. 2016/ 3º tri. 2015	-3,1	-2,6	-5,6	-4,4	-4,4	-8,7

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

(1) Inflator utilizado: IPC - SEI.

(2) Incluem os ocupados que não tiveram remuneração no mês e excluem os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Incluem os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

NOTAS METODOLÓGICAS

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



Projeções do mercado de trabalho formal

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de

cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

